

UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SUSTENTABILIDADE E HISTÓRIA

Cláudia Cirineo Ferreira Monteiro

claudiacfm@gmail.com

Beatriz Futlik Mariani

beatrizfutlik@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa analisar, por meio de um apanhado histórico, quais fatos contribuíram para que a situação atual do planeta exigisse ações sustentáveis. A ideia é que o conhecimento dos bastidores históricos possa ser útil para a compreensão real do que é sustentabilidade a fim de que esta possa ser aplicada corretamente. Assim, assume-se que a Reforma Protestante e, conseqüentemente, a liberdade para obter riquezas por meio do trabalho, assim como a posterior revolução industrial, e, ainda, a preocupação exclusivamente econômica nesses dois momentos da história, foram de grande contribuição para que questões ambientais fossem esquecidas naqueles momentos e ao longo dos séculos.

Palavras chave: Sustentabilidade, Reforma Protestante, Revolução Industrial, Capitalismo.

Abstract: This work intends to analyze, by the means of a historical research, which facts have contributed so that the current situation of the planet demanded sustainable actions. The idea is that the knowledge of the historical backstage may be useful for the real understanding of what is sustainability in order to apply it correctly. This way, it is assumed that the Protestant Reformation and, its consequent liberty for obtaining richness by the means of work, just like the posterior Industrial Revolution, and, also, the exclusively economical kind of thinking in both moments of these moments in history, contributed a lot so that environmental questions could be forgotten in those moments and also along the centuries.

Keywords: Sustainability, Protestant Reformation, Industrial Revolution, Capitalism.

1. Capitalismo x Sustentabilidade: um apanhado histórico

A sustentabilidade é um dos temas mais recorrentes na atualidade. Com as catástrofes ambientais evidentes, a busca por formas mais ecológicas de conviver em sociedade

estão presentes em diversos setores. Alguns deles, com uma visão pouco fundamentada do assunto, agem equivocadamente na necessidade de atingir status. É por essa razão que Manzini (2008) afirma que é necessário mudar a mudança, que atualmente segue os rumos da insustentabilidade e, a propagação desenfreada – e sem conhecimento - do termo “sustentabilidade” contribui para esse fato. O autor afirma ainda que a sustentabilidade ambiental refere-se à realização de atividades humanas em um nível que não interfira os ciclos naturais de vida. Para que isso seja compreendido de maneira total, é imprescindível resgatar as raízes históricas que deram origem ao conceito.

A sequência dos fatos históricos que mais tarde deram origem ao conceito sustentável teve início na Revolução Industrial e, continuou sem que fossem medidas consequências. McDonough e Braungart (2010) comentam que a Revolução Industrial não foi exatamente planejada, o objetivo era realizar atividades de produção eficientes e lucrativas. Além disso, pensava-se que a natureza era inesgotável. Nas décadas seguintes, de acordo com Kakazian (2005), crises econômicas e desastres ambientais foram o suficiente para que fosse percebida a necessidade de mudança. A mudança começou a ser tomada, e as origens e o real sentido gradualmente foram esquecidos para dar lugar a ações capazes de dar visibilidade, que estão nos rumos incorretos. É essencial, nesse sentido, que as origens históricas do conceito de desenvolvimento sustentável sejam estudadas profundamente rumo a um conhecimento mais consciente sobre esse conceito largamente difundido.

Embora haja a possibilidade de se considerar, como foi comentado, que a necessidade de ser sustentável é fruto da Revolução Industrial (e suas consequências), pode-se ponderar, ainda, que a Revolução Industrial é fruto de outros acontecimentos históricos que são, portanto, a raiz mais extrema da situação. Toma-se, assim, como ponto de partida, a época feudal, em que, de acordo com Huberman (1981), a Igreja tinha grande importância na sociedade e seus valores eram considerados de maneira extrema. Um deles consistia no fato de que o lucro é pecado, o que fazia com que a eminente classe de comerciantes se sentisse impedida – ou, pelo menos, temerosa – para realizar suas transações monetárias. Apesar disso, lentamente mudanças sociais aconteceram e permitiram que formas diferentes de pensar existissem – os reis começaram a se destacar sobre os senhores feudais e, assim, a Igreja aliada perdia espaço (assim como suas ideias). O Império que se instaurava novamente no poder ansiava pelo sucesso das atividades econômicas. Concomitantemente, Huberman (1981) continua afirmando, a burguesia crescia, e a sua relação com o Império se tornava mais estreita, ao passo que a

Igreja era vista como um obstáculo para o desenvolvimento. Assim, foi necessário um choque entre Império e Igreja, uma luta entre dois gigantes, que se chamou Reforma Protestante. A Igreja não resistiu, e por meio dessa reforma foram instaurados os valores do protestantismo, que se pautavam na necessidade do trabalho e da acumulação de riquezas. Assim, essa reforma foi de extrema importância para o desenvolvimento da lógica capitalista, uma vez que o lucro deixava de ser considerado pecado e as pessoas estavam livres para produzir e comercializar.

Huberman (1981), afirma que dessa forma a Igreja protestante se enquadrou nos preceitos do industrial, que trabalhava para obter lucro. Consequentemente, o capitalista interessado nos bens materiais encontrou consolo ao praticar atividades lucrativas. Huberman (1981, p.181) ainda indaga: “que qualidades poderiam ser mais propícias a um sistema econômico — no qual a acumulação de riqueza; de um lado, e os hábitos de trabalho firmes, por outro, constituíam as pedras fundamentais?”. É nesse sentido que McDonough e Braungart (2010) afirmam que, embora a Revolução Industrial não tenha sido planejada, havia um motivo: era uma revolução econômica, baseada no desejo de capital, e comandada pela motivação de fazer produtos mais baratos para o maior número de pessoas. Isso significou, na maioria das indústrias, trocar o trabalho manual pela mecanização.

2. Reflexões

Assim, é possível ver que o que possibilitou que isso acontecesse foi a Reforma Protestante a partir da qual o lucro deixava de ser pecado, possibilitando ao homem buscar formas de obtê-lo com mais garra, viabilizando a Revolução Industrial. É importante ressaltar que a mudança que aconteceu foi, sem dúvidas, uma mudança social, mas também uma mudança na forma de pensar das pessoas, que acompanha a sociedade até os dias de hoje. É nesse sentido que Kazazian (2005) sugere que uma forma de ser sustentável poderia ser voltar a viver aos moldes de vida arcaicos - que deixaram de existir no momento em que o homem estava livre para produzir sem se sentir culpado – embora seja impossível regredir de tal forma atualmente. Não se defende aqui a ideia de que o homem não deva obter lucro de suas atividades, mas, sim, de que elas sejam realizadas com consciência e não de forma eufórica e impensada. Como foi ressaltado, no início da Revolução Industrial não se tinha noção de que a natureza era esgotável e, além disso, a ânsia pelo lucro - que era uma novidade - restringia as formas de pensar. Atualmente, a existência de limites na natureza está

evidente e o lucro já é parte integrante da sociedade. Vale realizar as atividades, portanto, com fundamento e consciência.

3. **Conclusões**

Imagine ser impedido, moralmente, de obter lucro de qualquer atividade. E, então, lhe oferecerem a oportunidade de que isso acontecesse e, ainda, ter seu lugar guardado no céu por isso. Quem pensaria no meio-ambiente nessa situação? A sociedade que vivia na época da Reforma Protestante, certamente não pensou. Aquela que viveu, posteriormente, na Revolução Industrial e vislumbrava um progresso inédito, também não. Olhando para trás é possível ver os erros que foram cometidos e que os limites foram ultrapassados. Com consciência, é possível buscar soluções que não extrapolem os limites, uma vez que eles já foram percebidos.

Referências

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Trad. Dutra, W. Zahar Editores, 1981.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Trad. Cipolla, C. Rio de Janeiro: E- papers, 2008.

MCDONOUGH W.; BRAUNGART, M. **Cradle to Cradle**: remaking the way we make things. Tradução nossa. Nova Iorque: North Point Press, 2002.

KAKAZIAN, T. **Haverá a idade das coisas leves**. Trad. Heneault, E. R. R. São Paulo: Editora Senac, 2005.